

Why is
economics
not an
evolutionary
science



Why is Economics Not an Evolutionary Science? **VEBLÉN** Por que a economia não é uma ciência evolucionária?

Por que a
economia
não é uma
ciência
evolucionária



Publicado pela Plataforma9
Niterói, Brasil – 2025
Traduzido por Mirna Wabi-Sabi
ISBN: 978-65-85267-08-3
Plataforma9.online

Por que a economia não é uma ciência evolucionária?

Thorstein Veblen



*Com introdução por
Mirna Wabi-Sabi*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Veblen, Thorstein, 1857-1929

Por que a economia não é uma ciência
evolucionária? = Why is economics not an evolutionary
science? / Thorstein Veblen ; tradução Mirna
Wabi-Sabi. -- Niterói, RJ : Plataforma9, 2025.

Edição bilingue português/inglês.

ISBN 978-65-85267-08-3

1. Capitalismo 2. Desenvolvimento econômico
3. Economia I. Título. II. Título: Why is economics
not an evolutionary science?.

25-265174

CDD-330

Índices para catálogo sistemático:

1. Economia 330

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Índice

Introdução	1
Fora da caixa: a crítica de Veblen ao Capitalismo	5
Veblen e Freud.....	10
Por que a economia não é uma ciência evolucionária?	18
Tabela de Autoridades.....	57

Introdução

A teoria econômica acadêmica que sustenta o Capitalismo está mais preocupada em preservar sua estrutura do que interagir com um senso comum sobre a realidade da experiência humana contemporânea. É mais importante preservar ideias sobre produção de riqueza e a natureza universal do comércio do que observar a pobreza, pessoas em situação de rua, miséria e indignidade em contraste com a extrema futilidade do consumo das classes altas. Por isso, muitos proponentes dessas teorias econômicas que se impõem como ciência evolucionária atribuem fracassos às políticas governamentais, ou qualquer outra coisa que não sejam elas mesmas. Sua estrutura teórica é preservada por ser vista como uma inevitabilidade, um processo natural em direção à evolução humana, com o simples propósito de prolongar o apego existencial de algumas pessoas ao consumo frívolo.

Quando Veblen fala de espiritualidade e animismo, eu interpreto como uma chamada para sonhar além dessa suposta inevitabilidade do sistema Capitalista. Sonhe com novas possibilidades como se fosse magia. A deterioração do animismo de humanidades antigas,

que precedem o Capitalismo e as religiões monoteístas, não é desejável quando ele é trocado por filosofias espirituais que se disfarçam de ciência evolucionária e perpetuam a miséria humana. A definição do que é ‘normal’ restringe e não deixa de ser supersticiosa. Ora, pois, se vamos ser supersticiosos, por que não sonhar um mundo melhor do que este para todos e não só para nós mesmos? Afinal, não podemos sobreviver sozinhos em meio a todas as nossas coisas bonitas.

A frase:

“The history of the science shows a long and devious course of disintegrating animism.”

Pode ser interpretada/traduzida do inglês como:

“A história da ciência mostra um longo e tortuoso curso de desintegração do animismo.”

Ou

“A história da ciência mostra um longo e tortuoso curso de animismo desintegrador.”

O animismo ‘desintegra’ a sociedade, ou o animismo está sendo desintegrado pela sociedade?

Eis a cerne da interpretação deste texto de Veblen.

Devemos fundar uma teoria econômica mais próxima do que se propõe a ser – uma ciência evolucionária real? Ou, devemos abandonar a busca pelas regras restritivas do que deve ser visto como ‘normal’ e resgatar a superstição animista primitiva da humanidade?

Pra mim, a resposta é a última, mas certamente Veblen permitiu essa ambiguidade porque para ele provavelmente não fez diferença. O que importa é sonhar novas possibilidades, não só para sistemas econômicos, mas para a vida humana. Novas formas de estar no mundo. Se essa nova forma visa se aproximar da ciência evolucionária ou do primitivismo espiritual, estamos de qualquer maneira exercendo a prática mais central na natureza humana:

Ser mutável, capaz de moldar caminhos pelo seu ambiente e não apenas ser moldado por eles.

Qualquer teoria que restringe essa mutabilidade por definição, que se impõe como uma ordem inabalável, é o problema. É o problema porque essa habilidade de “moldar os fatos do ambiente” é o que garantiu a sobrevivência e a evolução humana desde sempre, e tentar acabar com isso é, obviamente, um retrocesso (mortal) para a nossa espécie.

O que Veblen faz vai além de “críticas.” Ele aponta incoerências, e, acima de tudo, que as coisas não precisam ser como elas são. Veblen não “critica o homem hedonista,” que consome conspicuamente; ele reflete sobre como é limitante se enxergar esse homem como *a* expressão da natureza humana. Ou seja, não importa o que é certo, errado; verdade, ou mentira que seja alvo de críticas. O que importa é que o ‘normal’ não é normal.

Fundamentalmente, uma ideia anarquista, que diz apenas – não existe regra, lei, normalidade incontestável, que esteja fora da nossa habilidade de moldar nossos caminhos de acordo com nossos valores e propósitos de vida. Não vai ser um governo, sistema econômico, a academia, ou autoridades institucionais que vão definir nossos valores, propósitos e caminhos. Somos nós que construímos os caminhos para nossos objetivos. Devemos aceitar o mundo como ele é e nos entreter com o consumo ostensivo e a saturação perpétua de desejos? Ou, talvez, manifestar e construir um mundo com menos miséria e indignidade?

Mirna Wabi-Sabi

Niterói, Abril 2025

páginas omitidas

Por que a economia não é uma ciência evolucionária?

Thorstein Veblen

M.G. de Lapouge disse recentemente: “A antropologia está destinada a revolucionar as ciências políticas e sociais tão radicalmente quanto a bacteriologia revolucionou a ciência da medicina.”¹⁰ Na medida em que fala de economia, o eminente antropólogo não está sozinho em sua convicção de que a ciência precisa de reabilitação. Suas palavras transmitem uma repreensão e uma advertência, e em ambos os aspectos ele fala o sentido de muitos cientistas em suas próprias linhas de investigação e em linhas relacionadas. Pode ser tomado como o consenso daqueles homens que estão fazendo o trabalho sério da antropologia, etnologia e psicologia modernas, bem como daqueles nas ciências

10 “As Leis Fundamentais da Antroposociologia,” *Journal of Political Economy*, dezembro de 1897, p. 54. O mesmo artigo, em substância, aparece na *Rivista Italiana di Sociologia* de novembro de 1897.

biológicas propriamente ditas, que a economia está irremediavelmente atrasada e incapaz de lidar com seu assunto de uma forma que lhe dê direito a se posicionar como uma ciência moderna.

As outras ciências políticas e sociais recebem sua parcela dessa difamação, e talvez em bases igualmente convincentes. Nem os próprios economistas são alegremente indiferentes à repreensão. Provavelmente nenhum economista hoje tem a coragem ou a inclinação para dizer que a ciência agora atingiu uma formulação definitiva, seja no detalhe dos resultados ou no que diz respeito às características fundamentais da teoria. A abordagem mais recente para tal posição por parte de um economista de posição credenciada talvez seja encontrada no discurso do Professor Marshall em Cambridge, de um ano e meio atrás.¹¹ Mas essas declarações estão tão distantes da confiança alegre demonstrada pelos economistas clássicos de meio século atrás, que o que mais fortemente impressiona o leitor do discurso do Professor Marshall é a modéstia excessiva e a humildade desnecessária do porta-voz da “velha geração.” Com os economistas que são mais atentamente procurados para orientação, a incerteza

11 “A Velha Geração de Economistas e a Nova,” *Quarterly Journal of Economics*, janeiro de 1897, p. 133.

quanto ao valor definitivo do que foi e está sendo feito, e quanto ao que podemos, com efeito levar a seguir, é tão comum a ponto de sugerir que a indecisão é um trabalho meritório. Até mesmo a Escola Histórica,¹² que fez sua inovação com tantos aplausos locais há algum tempo, não conseguiu se acomodar contentemente ao ritmo que eles próprios estabeleceram.

Os homens das ciências que se orgulham de se considerarem “modernos” criticam os economistas por ainda se contentarem em se ocupar com a reparação de uma estrutura, doutrinas e máximas baseadas em direitos naturais, utilitarismo e conveniência administrativa. Essa aspensão não é totalmente merecida, mas é próxima o suficiente da verdade para causar uma ferroad.

Essas ciências modernas são ciências evolucionárias, e seus adeptos contemplam essa característica de seu trabalho com alguma complacência. A economia não é uma ciência evolucionária – pela confissão de seus porta-vozes; e os economistas voltam seus olhos com algo de inveja e algum senso de emulação perplexa

12 [A Escola Histórica do Direito, de tradição romano-germânica.]

para esses rivais, que fazem amplas suas filactérias com a legenda, “Atualizado.”

Precisamente onde as ciências sociais e políticas, incluindo a economia, não conseguem ser ciências evolucionárias, não é tão claro. Pelo menos, não foi satisfatoriamente apontado por seus críticos. Seus rivais bem-sucedidos neste assunto – as ciências que lidam com a natureza humana entre as demais – alegam como sua distinção substancial que são realistas: elas lidam com fatos. Mas a economia também é realista neste sentido: ela lida com fatos, frequentemente da maneira mais meticulosa, e ultimamente com uma insistência cada vez mais extenuante na eficácia exclusiva dos dados. Mas esse “realismo” não faz da economia uma ciência evolucionária. A insistência em dados dificilmente poderia ser levada a um tom mais alto do que foi levada pela primeira geração da Escola Histórica; e ainda assim nenhuma economia está mais longe de ser uma ciência evolucionária do que a economia recebida da Escola Histórica. Toda a ampla gama de erudição e pesquisa que envolveu as energias dessa escola geralmente não chega a ser ciência, pois, quando consistentes, eles se contentaram com uma enumeração de dados e um relato narrativo do desenvolvimento industrial, e não presumiram oferecer

uma teoria de nada ou elaborar seus resultados em um corpo consistente de conhecimento.

Qualquer ciência evolucionária, por outro lado, é um corpo de teoria muito unido. É uma teoria de um processo, de uma sequência em desenvolvimento. Mas aqui, novamente, a economia parece passar no teste em uma medida justa, sem satisfazer seus críticos de que suas credenciais são boas. Deve-se admitir, por exemplo, que as doutrinas de produção, distribuição e troca de J.S. Mill são uma teoria de certos processos econômicos, e que ele lida de forma consistente e eficaz com as sequências de fatos que constituem seu assunto. Assim, também, a discussão de Cairnes sobre o valor normal, a taxa de salários e o comércio internacional são excelentes exemplos de um tratamento teórico de processos econômicos de sequência e o desenvolvimento ordenado e desdobrado de fatos. Mas uma tentativa de citar Mill e Cairnes como expoentes de uma economia evolucionária não produzirá efeito melhor do que perplexidade, e não muito disso.

Muito da teoria monetária pode ser citado com o mesmo propósito e com o mesmo efeito. Algo semelhante é verdade até mesmo para escritores tardios que declararam alguma propensão ao ponto de vista evolucionário; como, por exemplo, o Professor Hadley, – para citar uma obra de mérito inquestionável e

alcance incomum. Mensuravelmente, ele mantém a palavra de promessa ao ouvido; mas qualquer um que possa citar sua Economia como tendo alinhado a economia política como uma ciência evolucionária não convencerá nem a si mesmo nem a seu interlocutor. Algo com o mesmo efeito pode ser dito com justiça sobre o trabalho publicado daquela linhagem inglesa posterior de economistas representada pelos Professores Cunningham e Ashley, e o Sr. Cannan, para citar apenas algumas das figuras mais eminentes do grupo.

Das realizações dos economistas clássicos, recentes e vivos, a ciência pode se orgulhar com razão; mas eles ficam aquém do padrão de adequação do evolucionista, não por deixarem de oferecer uma teoria de um processo ou de uma relação de desenvolvimento, mas por conceberem sua teoria em termos estranhos aos hábitos de pensamento do evolucionista. A diferença entre as ciências evolucionárias e pré-evolucionárias não está na insistência em fatos. Houve uma grande e frutífera atividade nas ciências naturais na coleta de fatos antes que essas ciências assumissem o caráter que as marca como evolucionárias. Nem a diferença está na ausência de esforços para formular e explicar esquemas de processo, sequência, crescimento e desenvolvimento nos dias pré-evolucionários.

Esforços desse tipo abundaram, em número e diversidade; e muitos esquemas de desenvolvimento de grande sutileza e beleza ganharam voga tanto como teorias de desenvolvimento orgânico e inorgânico quanto como esquemas da história de vida de nações e sociedades. Nem mesmo será verdade que nossos antepassados negligenciaram a presença de causa e efeito ao formular suas teorias e reduzir seus dados a um corpo de conhecimento. Mas os termos que foram aceitos como termos definitivos de conhecimento eram em algum grau diferentes nos primeiros dias do que são agora. Os termos de pensamento nos quais os investigadores de algumas duas ou três gerações anteriores formularam definitivamente seu conhecimento dos fatos, em suas últimas análises, eram diferentes em espécie dos termos nos quais o evolucionista moderno se contenta em formular seus resultados. A análise não retorna ao mesmo terreno, ou apela ao mesmo padrão de finalidade ou adequação, em um caso como no outro.

A diferença é uma diferença de atitude espiritual ou ponto de vista nas duas gerações contrastantes de cientistas. Para colocar a questão em outras palavras, é uma diferença na base de valoração dos fatos para o propósito científico, ou no interesse do qual os fatos são apreciados. Com a geração anterior, assim como

com a posterior, a base de valoração dos fatos tratados é, em questões de detalhes, a relação causal que é apreendida para subsistir entre eles. Isso é verdade em grande medida para as ciências naturais. Mas em seu tratamento dos esquemas mais abrangentes de sequência e relação – em sua formulação definitiva dos resultados – as duas gerações diferem.

O cientista moderno não está disposto a se afastar do teste de relação causal ou sequência quantitativa. Quando eles fazem a pergunta, Por quê? Eles insistem em uma resposta em termos de causa e efeito. Querem reduzir sua solução de todos os problemas a termos de conservação de energia ou persistência de quantidade. Este é seu último recurso. E este último recurso tem sido disponibilizado em nosso tempo para o manuseio de esquemas de desenvolvimento e teorias de um processo abrangente pela noção de uma causalidade cumulativa.

Os grandes méritos dos líderes evolucionistas – se é que eles têm grandes méritos como líderes – residem, por um lado, na sua recusa em voltar atrás na sequência incolor de fenômenos e buscar um terreno mais elevado para suas sínteses finais e, por outro lado, em terem mostrado como essa sequência incolor e impessoal de causa e efeito pode ser usada para a teoria propriamente dita, em virtude de seu caráter cumulativo.

páginas omitidas

Tabela de Autoridades

Termos

Animismo	1, 2, 3, 8, 9, 10, 27, 31, 55
Hedonismo	4, 43, 44, 51
Primitivo	3, 9, 27, 28, 52
Sequência cumulativa.....	39, 50, 55

Published by Plataforma9
Niterói, Brazil – 2025
Translated by Mirna Wabi-Sabi
ISBN: 978-65-85267-08-3
Plataforma9.online

Why is Economics Not an Evolutionary Science?

Thorstein Veblen



*With an introduction by
Mirna Wabi-Sabi*

Table of Contents

Introduction.....	1
Veblen's out of the box critique of Capitalism	5
Veblen and Freud	10
Why is Economics Not an Evolutionary Science? .	17
Table of Authorities	55

Introduction

The academic economic theory that underpins Capitalism is more concerned with preserving its framework than with engaging with a common sense about the reality of the contemporary human experience. It is more important to preserve ideas about wealth production and the universal nature of commerce than to observe poverty, homelessness, misery, and indignity in contrast with extreme futility of consumption by the upper classes. That is why many proponents of these economic theories that impose themselves as evolutionary science attribute system failures to government policies, or anything else other than itself. Its theoretical framework is preserved by being seen as an inevitability, a natural process toward human evolution, for the simple purpose of the longevity of some people's existential attachment to frivolous spending.

When Veblen speaks of spirituality and animism, I interpret it as a call to dream beyond this supposed inevitability of the Capitalist system. Dream new possibilities like magic. The deterioration of the animism of ancient humanities, which predate Capitalism and monotheistic religions, is not desirable when it is

replaced by spiritual philosophies that masquerade as evolutionary science and perpetuate human misery. The definition of what is ‘normal’ is restrictive and is nonetheless superstitious. Well, then, if we are going to be superstitious, why not dream of a better world than this one for everyone and not just for ourselves? Afterall, we can’t survive alone amidst all our pretty things.

The sentence:

“The history of science shows a long and devious course of disintegrating animism.”

Can be interpreted/translated into Portuguese as:

*“A história da ciência mostra um longo e tortuoso curso de **desintegração do animismo.**”*

Or

*“A história da ciência mostra um longo e tortuoso curso de **animismo desintegrador.**”*

Does animism disintegrate society, or is animism being disintegrated by society?

This is the crux of the interpretation of this text by Veblen. Should we establish an economic theory

closer to what it claims to be – a real evolutionary science? Or should we abandon the search for restrictive rules of what should be seen as ‘normal’ and rescue humanity’s “primitive” animistic superstition?

For me, the answer is the latter, but Veblen certainly allowed this ambiguity because it probably made no difference to him. What matters is to dream of new possibilities, not only for economic systems, but for human life. New ways of being in the world. Whether this new form aims to approach evolutionary science or spiritual primitivism, we are in any case exercising the most central practice in human nature:

Being mutable, capable of shaping paths through one’s environment and not just being shaped by them.

Any theory which restricts this mutability by definition, which imposes itself as an unshakable order, is the problem. It is the problem because this ability to “shap[e] the facts of the environment” is what has guaranteed human survival and evolution since the beginning of time, and trying to put an end to it is a (mortal) setback for our species.

What Veblen does goes beyond “criticism.” He points out inconsistencies, and, above all, he points out that

things do not have to be as they are. Veblen does not “criticize the hedonistic man,” who consumes conspicuously; he reflects on how limiting it is to see this man as THE expression of human nature. In other words, it does not matter what is right, wrong, true, or false that is the target of criticism. What matters is that the ‘normal’ is not normal.

Fundamentally, an anarchist idea, which simply says – there is no rule, law, incontestable normality, that is outside our ability to shape our paths according to our values and life purposes. It will not be a government, economic system, academia, or institutional authorities that will define our values, purposes and paths. It is we who build the paths to our goals. Are we to accept the world as it is and entertain ourselves with conspicuous consumption and the perpetual saturation of desires? Or, perhaps, to manifest and build a world with less misery and indignity?

Mirna Wabi-Sabi

Niterói, Brazil – April 2025

páginas omitidas

Why is Economics Not an Evolutionary Science?

Thorstein Veblen

M.G. de Lapouge recently said, "Anthropology is destined to revolutionize the political and the social sciences as radically as bacteriology has revolutionized the science of medicine."¹⁰ In so far as he speaks of economics, the eminent anthropologist is not alone in his conviction that the science stands in need of rehabilitation. His words convey a rebuke and an admonition, and in both respects he speaks the sense of many scientists in his own and related lines of inquiry. It may be taken as the consensus of those men who are doing the serious work of modern anthropology, ethnology, and psychology, as well as of those in the biological sciences proper, that economics is

10 "The Fundamental Laws of Anthro-po-sociology" Journal of Political Economy, December, 1897, p. 54. The same paper, in substance, appears in the *Rivista Italiana di Sociologia* for November, 1897.

helplessly behind the times, and unable to handle its subject matter in a way to entitle it to standing as a modern science.

The other political and social sciences come in for their share of this obloquy, and perhaps on equally cogent grounds. Nor are the economists themselves buoyantly indifferent to the rebuke. Probably no economist today has either the hardihood or the inclination to say that the science has now reached a definitive formulation, either in the detail of results or as regards the fundamental features of theory. The nearest recent approach to such a position on the part of an economist of accredited standing is perhaps to be found in Professor Marshall's Cambridge address of a year and a half ago.¹¹ But these utterances are so far from the jaunty confidence shown by the classical economists of half a century ago that what most forcibly strikes the reader of Professor Marshall's address is the exceeding modesty and the uncalled for humility of the spokesman for the "old generation." With the economists who are most attentively looked to for guidance, uncertainty as to the definitive value of what has been and is being done, and as to what we

11 "The Old Generation of Economists and the New," *Quarterly Journal of Economics*, January, 1897, p. 133.

may, with effect, take to next, is so common as to suggest that indecision is a meritorious work. Even the Historical School, who made their innovation with so much home grown applause some time back, have been unable to settle down contentedly to the pace which they set themselves.

The men of the sciences that are proud to own themselves “modern” find fault with the economists for being still content to occupy themselves with repairing a structure and doctrines and maxims resting on natural rights, utilitarianism, and administrative expediency. This aspersion is not altogether merited, but is near enough to the mark to carry a sting.

These modern sciences are evolutionary sciences, and their adepts contemplate that characteristic of their work with some complacency. Economics is not an evolutionary science – by the confession of its spokesmen; and the economists turn their eyes with something of envy and some sense of baffled emulation to these rivals that make broad their phylacteries with the legend, “Up to date.”

Precisely wherein the social and political sciences, including economics, fall short of being evolutionary sciences, is not so plain. At least, it has not been satisfactorily pointed out by their critics. Their successful

rivals in this matter – the sciences that deal with human nature among the rest – claim as their substantial distinction that they are realistic: they deal with facts. But economics, too, is realistic in this sense: it deals with facts, often in the most painstaking way, and latterly with an increasingly strenuous insistence on the sole efficacy of data. But this “realism” does not make economics an evolutionary science. The insistence on data could scarcely be carried to a higher pitch than it was carried by the first generation of the Historical School; and yet no economics is farther from being an evolutionary science than the received economics of the Historical School. The whole broad range of erudition and research that engaged the energies of that school commonly falls short of being science, in that, when consistent, they have contented themselves with an enumeration of data and a narrative account of industrial development, and have not presumed to offer a theory of anything or to elaborate their results into a consistent body of knowledge.

Any evolutionary science, on the other hand, is a close-knit body of theory. It is a theory of a process, of an unfolding sequence. But here, again, economics seems to meet the test in a fair measure, without satisfying its critics that its credentials are good. It must be admitted, e.g., that J.S. Mill's doctrines of

production, distribution, and exchange, are a theory of certain economic processes, and that he deals in a consistent and effective fashion with the sequences of fact that make up his subject matter. So, also, Cairnes's discussion of normal value, of the rate of wages, and of international trade, are excellent instances of a theoretical handling of economic processes of sequence and the orderly unfolding development of fact. But an attempt to cite Mill and Cairnes as exponents of an evolutionary economics will produce no better effect than perplexity, and not a great deal of that.

Very much of monetary theory might be cited to the same purpose and with the like effect. Something similar is true even of late writers who have avowed some penchant for the evolutionary point of view; as, e.g., Professor Hadley, – to cite a work of unquestioned merit and unusual reach. Measurably, he keeps the word of promise to the ear; but anyone who may cite his *Economics* as having brought political economy into line as an evolutionary science will convince neither himself nor his interlocutor. Something to the like effect may fairly be said of the published work of that later English strain of economists represented by Professors Cunningham and Ashley, and Mr.

Cannan, to name but a few of the more eminent figures in the group.

Of the achievements of the classical economists, recent and living, the science may justly be proud; but they fall short of the evolutionist's standard of adequacy, not in failing to offer a theory of a process or of a developmental relation, but through conceiving their theory in terms alien to the evolutionist's habits of thought. The difference between the evolutionary and the pre-evolutionary sciences lies not in the insistence on facts. There was a great and fruitful activity in the natural sciences in collecting a collating of facts before these sciences took on the character which marks them as evolutionary. Nor does the difference lie in the absence of efforts to formulate and explain schemes of process, sequence, growth, and development in the pre-evolutionary days.

Efforts of this kind abounded, in number and diversity; and many schemes of development of great subtlety and beauty, gained a vogue both as theories of organic and inorganic development and as schemes of the life history of nations and societies. It will not even hold true that our elders overlooked the presence of cause and effect in formulating their theories and reducing their data to a body of knowledge. But the terms which were accepted as the definitive terms of

knowledge were in some degree different in the early days from what they are now. The terms of thought in which the investigators of some two or three generations back definitively formulated their knowledge of facts, in their last analyses, were different in kind from the terms in which the modern evolutionist is content to formulate his results. The analysis does not run back to the same ground, or appeal to the same standard of finality or adequacy, in the one case as in the other.

The difference is a difference of spiritual attitude or point of view in the two contrasted generations of scientists. To put the matter in other words, it is a difference in the basis of valuation of the facts for the scientific purpose, or in the interest from which the facts are appreciated. With the earlier as with the later generation the basis of valuation of the facts handled is, in matters of detail, the causal relation which is apprehended to subsist between them. This is true to the greatest extent for the natural sciences. But in their handling of the more comprehensive schemes of sequence and relation – in their definitive formulation of the results – the two generations differ.

The modern scientist is unwilling to depart from the test of causal relation or quantitative sequence. When they ask the question, Why? They insist on an answer

páginas omitidas

Table of Authorities

Useful terms

Animism	1, 2, 3, 7, 8, 9, 25, 29
Cumulative sequence	38, 48, 53
Hedonism	4, 42, 43, 49
Primitive	3, 9, 25, 26, 50